

Cuidado com os economistas

Por Dani Rodrik

Valor, 13/05/2021

A resposta certa a qualquer pergunta de política econômica é: “depende”

O neoliberalismo morreu. Ou talvez ainda esteja bem vivo. Experts têm falado em ambas as possibilidades atualmente. Mas, de qualquer forma, é difícil negar que algo novo está acontecendo no mundo.

O presidente dos EUA, Joe Biden, reservou enorme expansão dos gastos do governo em programas sociais, infraestrutura e transição para uma economia verde. Ele quer usar as compras governamentais para reconstruir as cadeias internas de abastecimento e trazer empregos no setor de manufatura de volta aos Estados Unidos. Sua secretária do Tesouro, Janet Yellen, está fazendo pressão por um aumento global e coordenado dos impostos corporativos. Jerome Powell, presidente do Federal Reserve, tradicionalmente o braço mais agressivo do governo em estabilidade de preços, está minimizando os temores da inflação e dando seu apoio à expansão fiscal.

Todas essas mudanças de política representam um acentuado desvio do pensamento convencional em Washington. Também eles prenunciam um novo paradigma de política econômica?

As políticas econômicas nos Estados Unidos, e no Ocidente em geral, há muito precisam de uma reformulação. As ideias dominantes desde a década de 1980 - também chamadas de Consenso de Washington, fundamentalismo de mercado ou neoliberalismo - ganharam força originalmente por causa das deficiências observadas no keynesianismo e na excessiva regulamentação governamental. Mas elas ganharam vida própria e produziram economias altamente financeirizadas, desiguais e instáveis que não estavam equipadas para enfrentar os desafios mais importantes da atualidade: mudança climática, inclusão social e novas e revolucionárias tecnologias.

A mudança de paradigma necessária pode começar de maneira útil com a forma como ensinamos economia. Os economistas tendem a se apaixonar pelo poder dos mercados para promover a prosperidade econômica geral. A mão invisível de Adam Smith - a ideia de que indivíduos com interesses próprios que buscam apenas seu enriquecimento pessoal podem produzir prosperidade coletiva em vez de caos social - é uma das joias da coroa da profissão de economista. Também permanece profundamente contraintuitivo, talvez por isso economistas dediquem uma quantidade excessiva de tempo ao proselitismo sobre a magia dos mercados.

Mas a economia não é uma homenagem aos mercados livres. Na verdade, grande parte do ensino de economia se concentra em como os mercados podem produzir muita desigualdade e como eles falham em seus próprios termos de eficiente alocação de recursos. Mercados perfeitamente competitivos que produzem harmoniosamente equilíbrios estáveis são apenas uma possibilidade entre muitas. O modelo smithiano não é o único. Mesmo assim, a reação automática de muitos economistas é tratar os mercados competitivos que funcionam bem como a referência importante para qualquer desvio proposto do *laissez-faire*.

Felizmente, existe um novo paradigma para o ensino de economia. O Projeto Core é uma ferramenta de ensino online e um livro didático de acesso aberto e gratuito. Dois

importantes economistas, Samuel Bowles, do Instituto Santa Fé, e Wendy Carlin, da Universidade de Londres, são os visionários por trás disso. Mas um grande grupo de economistas em todo o mundo colaborou em seu desenvolvimento. Já está em uso na maioria dos departamentos universitários de economia do Reino Unido.

Uma vantagem fundamental da abordagem Core é que ela encara de frente questões como desigualdade e mudanças climáticas. Mas o movimento pedagogicamente mais interessante é que ela substitui as referências padrão da economia por referências alternativas que são mais realistas e úteis. Por exemplo, em contraste com a economia convencional, a Core assume que os indivíduos são pró-sociais e míopes, ao invés de egoístas e clarividentes. A competição é imperfeita, com características do estilo vencedor leva tudo, ao invés de perfeita. O poder está sempre presente na forma de estabelecer procuração nos relacionamentos entre mercados de trabalho e de crédito, em vez de ser tratado como difuso ou exógeno. As rendas econômicas são onipresentes e frequentemente exigidas por economias que funcionam bem, não raras ou o resultado de erros de política.

Esse novo paradigma para o ensino e a prática de economia produzirá uma melhor compreensão dos resultados sociais. Mas devemos reconhecer que não produzirá um novo paradigma para a política econômica. E é dessa maneira que deveria ser.

Todos os nossos paradigmas anteriores de política - sejam mercantilistas, liberais clássicos, keynesianos, social-democratas, ordoliberais ou neoliberais - tinham pontos cegos importantes porque foram concebidos como programas universais que poderiam ser aplicados em todos os lugares e em todos os momentos. Inevitavelmente, os pontos cegos de cada paradigma obscureceram as inovações que eles trouxeram para a forma como idealizamos a governança econômica. O resultado foi exagero e oscilações pendulares entre otimismo excessivo e pessimismo sobre o papel do governo na economia.

A resposta certa para qualquer pergunta de política econômica é: “Depende”. Precisamos de análises econômicas e evidências para preencher os detalhes dos quais depende o resultado desejado. As palavras-chave de uma economia verdadeiramente útil são contingência, contextualidade e não universalidade. A economia nos ensina que há um tempo para expansão fiscal e um tempo para contenção fiscal. Há um momento em que o governo deve intervir nas cadeias de abastecimento e um momento em que deve deixar os mercados à própria sorte. Às vezes, os impostos deveriam ser altos; às vezes, eles deveriam ser baixos. O comércio deveria ser mais livre em algumas áreas e regulamentado em outras. Mapear as ligações entre as circunstâncias do mundo real e a conveniência de diferentes tipos de intervenções é o objetivo da boa economia.

Nossas sociedades são confrontadas com desafios vitais que requerem novas abordagens econômicas e significativa experimentação política. O governo Biden lançou uma transformação econômica ousada e há muito esperada. Mas aqueles que buscam um novo paradigma econômico devem ter cuidado com o que desejam. Nosso objetivo não deve ser criar a próxima ortodoxia engessada, mas aprender como adaptar nossas políticas e instituições às inconstantes exigências. **(Tradução de Anna Maria Dalle Luche).**